

O PODER DE ESTAR LÁ

Thom Hunter

Enquanto crescia, não tive meu pai morando em casa, por isso meu alvo quando crescesse era ser pai. Não somente ser pai... Meu pai existia em algum lugar por aí. Queria ser um verdadeiro papai.

A responsabilidade número um de um pai é "estar lá", disse a mim mesmo; não perder os momentos que unem um pai a um filho. Por toda a minha vida, cataloguei os momentos que deveriam ter sido compartilhados com meu pai.

- Algum dia - comprometi-me -, desfrutarei esses momentos com meus filhos.

Certas coisas acontecem quando estamos menos preparados:

atolados de serviço, com muitos compromissos e cansados. No meio de uma enorme lista de afazeres, ouço uma pequena voz que me aponta a direção:

- Você estará lá, não é, papai?

- É claro - respondo. - Jamais perderia esse momento.

O ano de 1984 foi o mais atarefado de minha vida adulta. Foi o ano após o nascimento de nosso quarto filho e, também, o ano do primeiro piquenique de nosso filho mais velho.

Quase perdi o piquenique, envolvido com as coisas de última hora. Mas saí do escritório bem a tempo e fui voando para o parque.

Zachary estava sentado na grama, próximo à mesa de piquenique. O sol batia em seu pescoço moreno à mostra. Ele estava todo sujo de brincar no parquinho, com os cotovelos esfolados e suado. As meias caíam por cima do tênis, que já fora branco um dia. Ele estava sentado, cercado por mil... - ou pelo menos umas 75... - crianças de sete anos.

Os olhos de Zach acompanhavam algo que se movimentava na grama alta. Era um brilhante inseto dourado. A criaturinha tentava fugir, em vão, pois ele atirava montinhos de terra para bloquear seu caminho.

- Que bom! - ele disse quando me sentei a seu lado. - Fiquei preocupado, achando que o bichinho dourado iria escapar antes de você chegar. Olhe.

Ele disse antes, pensei. Zach nem imaginou que talvez eu não aparecesse, que eu pudesse ter me esquecido do piquenique da Escola Washington.

Cercado por mães, Zachary e eu comemos nossos sanduíches sentados na grama, com as pernas cruzadas e com as minhas juntas enferrujadas. Ele me apresentou a Rachel, com quem gosta de brincar. A todo instante, uma criança vinha até Zach e lhe perguntava:

- É seu pai?

Eu sempre quis perder 20 quilos, colocar uma roupa esporte e ficar musculoso para que Zach tivesse algo do que se orgulhar em mim; mas Zach olhava para mim exatamente como eu era e, com um sorriso, dizia:

- Com certeza, é meu pai.

Zachary repartia suas gomas de mascar comigo. Ele não acreditava que eu mascava chicletes quando tinha sete anos.

- Você também repartia com seu pai? - perguntava. - Eu não podia responder, por isso mudava de assunto. .

Naquela tarde, quando chegamos em casa, peguei Zachary no colo para lhe mostrar o ninho de um pássaro no alto da varanda.

Fiquei impressionado ao sentir o peso de um garoto de sete anos.

Ele colocou a mão dentro do ninho e não encontrou ovos, somente grama e penas.

- Seu pai alguma vez levantou você para deixá-lo espiar dentro de um ninho? - perguntou ele. - Mais uma vez, não pude responder.

Algum tempo depois, levei-o para dormir em seu quarto, todo decorado com heróis. Ele deitou sobre a minha barriga, e eu acariciei suas costas até que ele fechou os olhos. Somente quando ia saindo do quarto é que descobri que ele fingiu estar dormindo:

- Boa-noite, papai! - gritou.

Ao longo dos anos, tenho colecionado uma valiosa série de ocasiões em que eu "estava lá". Com frequência, falo sobre elas com meus filhos, apontando-as quando surgem as dúvidas, usando-as para fechar brechas e curar feridas. Há um grande poder nos "lembra-se de quando...", mas você só pode usá-los se os tiver praticado.

Algum dia, o filho ou a filha de Zachary lhe perguntará:

- Seu papai já levantou você para poder espiar dentro de um ninho?

Fico feliz por saber que ele terá uma resposta.